

A constituição dos sujeitos e a fragmentação de si em “O Médico e o Monstro”, de Robert Louis Stevenson
Constitution of the subjects and fragmentation of the self on “The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde”, by Robert Louis Stevenson

Bruno Drighetti¹

Recebido em: 15/10/2019

Aprovado em: 25/10/2019

Publicado em: 19/12/2019

RESUMO: No presente artigo, temos por objetivo realizar uma investigação sobre os processos de constituição dos sujeitos de Dr. Jekyll e Mr. Hyde na obra “O Médico e o Monstro” (STEVENSON, [1886] 2014), bem como propor uma problematização acerca da dispersão das subjetividades na referida obra, elementos que acompanham a constituição discursiva das duas personagens que, a princípio, podem ser consideradas antagônicas. O texto literário é concebido como o ambiente em que emergem aspectos de sua exterioridade. Para fomentar essas reflexões, amparamo-nos em teorias da Análise do Discurso Francesa (PÊCHEUX, 1995), e também nas obras de Michel Foucault (1978; 1987; 2001a; 2001b) para se pensar, principalmente, as questões de disciplina, monstruosidade e anormalidade. Como a análise nos sugere, o sujeito Jekyll é, durante a narrativa, interdito, gradualmente, dando lugar a uma subjugação a Hyde e sendo encaminhado, deste modo, à sua morte discursiva.

Palavras-chave: O Médico e o Monstro; Análise do Discurso; Constituição do Sujeito; Foucault.

ABSTRACT: In this article, we aim to investigate what processes of constitution of the subject can be contemplated when it comes to the protagonists of “The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde” (STEVENSON, [1886] 2014), as well as to problematize the dispersion of subjectivities on the book. These elements guide the discursive constitution of both Dr. Jekyll and Mr. Hyde, characters that are, at first, conceived as opposed. Thus, literature is understood in this work as an environment in which external elements arise. In order to achieve these goals, we considered theories by French Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1995), in addition to Michel Foucault (1978; 1987; 2001a; 2001b) to reflect, mainly, on matters related to discipline, monstrosity and abnormality. As seen on the analysis, during the narrative Jekyll gets gradually interdicted as a subject, making way for a subjection to Hyde, which leads, eventually, to what we considered his discursive death.

Keywords: The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde; Discourse analysis; Constitution of the subject; Foucault.

INTRODUÇÃO

A leitura da clássica novela gótica “O Médico e o Monstro” [1886]/(2014), do escocês Robert Louis Stevenson, é, em seu decorrer, incômoda. Com elementos de ficção científica e de terror, o autor nos apresenta um sujeito que permanece contemporâneo, com conflitos internos e de ordem social que o interpelam ao longo de toda a narrativa. Durante esta leitura, deparamo-nos com uma inquietação e uma transformação subjetiva na constituição do médico Henry Jekyll, que dá lugar, em dado momento, à persona de Edward Hyde, o “monstro” da narrativa. O que teve início como uma curiosidade do médico desencadeou uma complexa cadeia de acontecimentos que acabaram por transgredir a suposta “normalidade” deste sujeito.

Fazemos uma ressalva com relação à nomenclatura de “monstro” para nos referirmos a Hyde, posto que, embora este seja o termo utilizado na tradução brasileira, nem o título (“Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde”) ou a estória original o utilizam durante a trama. Trata-se, assim, de uma tradução livre. Durante a análise optamos por utilizar a concepção foucaultiana de “anormal” ou de “monstro humano” (FOUCAULT, 2001a) para fazer referência à personagem de Hyde. O que ocorre, no entanto, e que foi problematizado neste estudo, é a produção de um efeito de monstrosidade em dados momentos da narrativa, através de discursos que constroem a subjetividade de Hyde.

De forma bastante sintética, podemos dizer que a novela nos apresenta uma investigação realizada pelo advogado Mr. Utterson após ouvir um episódio sobre uma agressão envolvendo uma figura estranha chamada Mr. Hyde, por este nome ser o do beneficiário do testamento de um de seus clientes, o aclamado Dr. Jekyll. Após inúmeros acontecimentos e horrendos casos envolvendo Hyde, Utterson descobre, ao final da trama, por meio de uma carta do médico, que este havia desenvolvido uma poção capaz de separar seus lados bom e mau (tal situação se manifestava, também, em transformações em seu corpo), permitindo vivenciar cada um desses lados em totalidade. Desse modo, quando consumia a poção, Dr. Jekyll transformava-se em Hyde, seu lado mau. No entanto, o médico perdeu o controle sobre as transformações e, com o fim do ingrediente para recriar a poção, estaria eternamente preso no corpo do vilão, levando-o a preferir a morte física do que sua morte discursiva (isto é, essa interdição em sua constituição enquanto sujeito). Assim, a trama encerra-se com o suicídio de Jekyll.

O desenvolvimento da obra corresponde ao que Foucault (2001b) considera um paradoxo da obra literária, pois, embora seja construída primordialmente com a língua(gem), isto é, por um sistema de signos, esse sistema também reflete e é refletido

DRIGHETTI, B

por seu exterior. “O médico e o monstro”, dessa forma, aparece como um espaço de dispersão de identidades e subjetividades como uma tentativa de construção de sentido(s) dos sujeitos envolvidos, perpassados por questões de ordem social. Como apresenta Foucault (2001b):

Esse sistema de signos não é isolado. Ele faz parte de uma rede de outros signos que circulam em dada sociedade, signos que não são apenas linguísticos, mas que podem ser econômicos, monetários, religiosos, sociais etc. A cada momento da história de uma cultura corresponde um determinado estado de signos. Seria preciso estabelecer quais elementos atuam como suporte de valores significantes em circulação (FOUCAULT, 2001b,p.163).

As considerações apresentadas têm por objetivo adentrar as questões que serão tratadas no presente artigo, haja vista que nosso ponto de análise central será observar os processos de constituição dos sujeitos, bem como a dispersão das subjetividades, em relação às personagens Dr. Jekyll e Mr. Hyde (STEVENSON, [1886] 2014). Para isso, recorreremos a teorias da Análise do Discurso Francesa (PÊCHEUX, 1995), bem como a estudos de Michel Foucault (1978; 1987; 2001a; 2001b), que, embora não seja analista do discurso, possui teorias de fundamental importância para a área. Para tais fins, organizamos e apresentamos os resultados em três gestos de análise: a constituição dos sujeitos Dr. Jekyll e Mr. Hyde; os efeitos de aproximação produzidos entre as personagens; e a morte discursiva de Dr. Jekyll.

A constituição dos sujeitos Dr. Jekyll e Mr. Hyde

O mistério que circunda toda a novela só é possível pelo fato de o médico esconder sua dupla identidade. Uma explicação para este ocultamento pode ser dada pelo fato de este sujeito estar subjugado ao que Foucault denomina de “princípio da masmorra” (FOUCAULT, 1987, p.224), ou seja, estando inadmissível aos olhos da sociedade, deve-se submeter às funções da masmorra para evitar infortúnios: trancar, privar de luz e esconder.

No entanto, apesar das tentativas do médico de ocultar seu lado mau, contraditoriamente este almeja por ser mostrado e visto (por si e por outrem), permitindo-nos estabelecer uma relação com o panóptico benthamiano (modelo de penitenciária em que os prisioneiros estão sempre expostos e monitorados), que se aplica tanto à perspectiva de Mr. Utterson, quanto à de Mr. Hyde. Dado que o panoptismo tem como função a criação de um efeito homogêneo de poder (mantendo apenas a primeira das funções da masmorra, “trancar”), ao ser relacionado às atitudes do advogado, Mr. Utterson,

há a busca por uma manutenção das relações de poder; por sua vez, ao ser associado a Mr. Hyde, o que é almejada é uma inversão dessas relações por parte da criatura encarcerada. Essas relações se deixam flagrar em alguns momentos, como em:

- a) “[Mr Utterson:] ‘Se ele é Mr. Hyde’, pensara, ‘então serei *Mr. Seek*.’” (STEVENSON, [1886] 2014, p.16).¹
- b) “[Carta de Dr. Jekyll:] Comecei a ser torturado por espasmos violentos e desejos, como se Hyde lutasse por sua liberdade. (...). *Meu demônio* ficara muito tempo aprisionado; surgiu urrando.” (ibid., p.72).

Em (a), observa-se um trocadilho com os termos homófonos “Hyde” e “Hide”, do inglês “esconder-se”, e “Seek”, “procurar”. Há, aí, um desejo de exposição desta personagem, agente de tantos crimes, cujas aspirações podem ser: proteger a parte “normal” da sociedade de Hyde (representada pelo anseio de defender Dr. Jekyll) e expor a parte “anormal” (como um desejo de ordem na comunidade). Por sua vez, em (b), vê-se Hyde, a expressão da loucura de Jekyll, que, após tanto tempo sendo controlada, é personificada e busca formas de exercer esse controle sobre Jekyll. Ainda assim, o uso de “meu demônio” coloca Hyde como uma parte pertencente ao médico, ainda que negativa, e que não pode ser completamente dissociada do médico, relação reforçada pelo pronome possessivo “meu”.

O desejo de Jekyll de conter Hyde pode ter relação com a disciplina na sociedade, cujo objetivo é docilizar os corpos (FOUCAULT, 1987). De acordo com o autor, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (ibid., p.163). Essa docilização, entretanto, só produz força útil em caso de se tratar ao mesmo tempo de um “corpo produtivo e corpo submisso” (ibid., p.29). Existe, portanto, o que o autor chama de “sistema de sujeição”, o qual dispõe de inúmeras maneiras para garantir essa docilização e obediência. A referida “produtividade” diz respeito à sua utilidade em termos econômicos, enquanto a “submissão” se faz mais em função da obediência política. Essas são, neste viés, duas características dessa docilização. Nas palavras de Foucault:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”.
A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de

¹ Os grifos em todas as citações da obra literária são nossos, como modo de chamar a atenção para certas relações a serem explicitadas.

obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (ibid., p.164-165).

De forma bastante interessante, no caso analisado, essa docilização age direta e literalmente sobre os corpos, tanto que Dr. Jekyll e Mr. Hyde possuem corpos diferentes e mobilizados em diferentes situações, quando conveniente (ao menos no início da estória). A própria descrição (física e psicológica) destas personagens tem relação com suas personalidades e as relações que mantêm com a disciplina.

Dr. Jekyll é descrito frequentemente como louvável e um aclamado profissional, sendo até mesmo suas possíveis loucuras justificadas, quiçá em função de sua posição na ordem social — vide os pensamentos de Mr. Utterson ao ouvir Dr. Lanyon questionar a excentricidade do médico, “Só o que houve entre os dois foi alguma divergência de cunho científico. (...) Não é nada além disso!” (STEVENSON, [1886] 2014, p.14-15), ou a reação do advogado quando Jekyll afirma que passará a viver uma vida de total reclusão, “Uma mudança tão grande e imprevisível fazia pensar que talvez estivesse louco; mas em face do comportamento e das palavras de Lanyon, devia haver motivos mais profundos para tudo aquilo” (ibid., p.39).

A (in) disciplina manifestada por Hyde, por sua vez, aparece comumente atrelada à sua aparência física, a qual em várias cenas é retratada de forma grotesca, causando uma repulsa que não pode ser explicada, como se tivesse uma anomalia que não pode ser vista (sentimento este que é recorrente na obra quando diversas personagens se deparam com Hyde). Antes de ter relação com suas atitudes, a aversão à personagem vem de seu corpo, daí uma das necessidades de seu ocultamento — “Esse lado havia sido menos exercitado. Daí, creio eu, o fato de Edward Hyde ser tão menor, mais frágil e jovem do que Henry Jekyll” (ibid., p.66). É comum, desta maneira, que a descrição do vilão da narrativa seja construída utilizando elementos desumanizadores, tais como “coisa mascarada igual a um macaco” (ibid., p.49), que faz “um guincho horrível, como o de um animal aterrorizado” (ibid., p.51), que “nem parece humano!” (ibid., p.18) e parece a “assinatura de Satã sobre um rosto” (ibid., p.19).

Diante disso, podemos refletir que, embora tenhamos certa resistência ao termo “monstro”, por não ter sido em momento algum utilizado pelo autor da obra e por Hyde ser, a princípio, um homem (ao contrário do que acontece em outros clássicos da literatura gótica, como “Frankenstein” e “Drácula”, em que as personagens são, de fato, criaturas

fantásticas e inumanas), é criado, ao longo da obra, um efeito de monstruosidade, refletido tanto em Hyde quanto em suas ações.

As situações apresentadas acima coadunam, em certa medida, com as três figuras apresentadas por Foucault (2001a) que constroem o terreno do discurso sobre o “anormal”: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e o masturbador. O primeiro é definido como o anormal que manifesta “(...) em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. Ele é, num registro duplo, infração às leis em sua existência mesma” (ibid., p.69). Essa figura está, desse modo, atrelada a todas as formas de anomalia possíveis, sendo sua existência ligada aos estudos da teratologia.

O indivíduo a ser corrigido, por sua vez, tem sua existência apresentada como um fenômeno natural, o que o coloca em uma posição privilegiada em relação ao monstro humano, cuja existência já é tida no domínio da exceção. No entanto, esse tipo de anormalidade coloca o indivíduo como naturalmente incorrigível, demandando do desenvolvimento de tecnologias que supram suas falhas e permitam uma reeducação. É a partir da existência desse ser que emerge o desenvolvimento de áreas como a criminologia.

Por fim, o que Foucault (2001a) apresenta como a anormalidade do “masturbador” é aquela referente à sexualidade e ao seu ocultamento. Trata-se, segundo o autor, de um:

Indivíduo absolutamente universal, isto é, essa prática da masturbação que se reconhece como universal, diz-se ao mesmo tempo que é uma prática desconhecida, ou mal conhecida, de que ninguém falou, que ninguém conhece e cujo segredo nunca é revelado. A masturbação é o segredo universal, o segredo compartilhado por todo o mundo, mas que ninguém comunica a ninguém (ibid., p.74).

Nessa medida, de maneira análoga, podemos relacionar a ideia do “monstro humano” com a figura de Hyde, posto que sua mera existência já é transgressora, incômoda e demonificada. Semelhantemente, Jekyll aproxima-se do “indivíduo a ser corrigido”, por ser, de certa maneira, desobediente ao almejar compreender além do que oferece a literatura médica sobre a natureza humana. É considerado louco por seus companheiros de profissão por desafiar os limites da verdade da ciência, visto que o discurso científico é comumente mobilizado como portador da verdade. De fato, o próprio Jekyll também tinha sua parcela de loucura nesse sentido, embora ela seja, em muitos casos (como a apresentada na visão de Mr. Utterson), justificada/justificável em função das relações de poder estabelecidas. Vejamos como isso se dá, sendo essa a primeira das aproximações entre Jekyll e Hyde que listamos.

Efeitos de aproximação produzidos entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde

Ainda que a expressão da loucura de Jekyll se dê na personificação do próprio louco, o monstro humano Mr. Hyde, o médico também apresenta em si mesmo sua porção de loucura, mesmo antes de ser expressa em sua outra personalidade. Consideramos esta a primeira aproximação entre as personagens. Vejamos o que se pode depreender dos excertos listados.

- c) “[Dr. Lanyon:] Já faz mais de dez anos que Henry Jekyll se tornou *excêntrico* demais para mim. (...) Todo aquele *palavrório nada científico* — acrescentou o médico, corando intensa e subitamente — teria ofendido Damon e Pítias” (STEVENSON, [1886] 2014, p.14).
- d) “[Dr. Lanyon]: Ao ler a carta, tive a certeza de que *meu amigo perdera a sanidade mental*” (ibid., p.57).
- e) “[Mr. Hyde, prestes a se transformar em Dr. Jekyll diante de Dr. Lanyon]: E agora, você, que negou a virtude da *medicina transcendental*, você, que zombou de *seus superiores... veja!*” (ibid., p.61).

Em (c), podemos ver que a chamada “excentricidade” de Dr. Jekyll, na visão de seu colega de profissão Dr. Lanyon, equivale, na realidade, à sua loucura. É esperado do sujeito médico que sua constituição seja dada pelo atravessamento de discursos científicos; destarte, suas pesquisas que desafiam os percursos tradicionais do saber científico ameaçam sua credibilidade, por não estarem inseridas no regime de verdade da sociedade em questão. Torna-se possível vislumbrar, a partir destas considerações, que Jekyll não é totalmente bom/normal/são, em oposição à completa maldade/anormalidade/loucura de Hyde, como o próprio médico pretendia, havendo ele mesmo certas semelhanças com o outro ser.

A partir das palavras do próprio médico, “o homem não é verdadeiramente um ser, mas dois” (ibid., p.64), podemos pensar que essa dualidade se aplica, também, à sua subjetividade original, não sendo possível separar seus lados completamente. A descoberta do médico, todavia, possibilitou uma inegável potencialização de seu lado louco, o que não significa que essa loucura não exista em sua primeira persona (nesta visão, deixa-se de lado um possível maniqueísmo, compreendendo os sujeitos como complexos, múltiplos e multifacetados).

De fato, como afirma Pêcheux (1995), “toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (PÊCHEUX, 1995, p.213). Essa premissa nos sugere que as práticas discursivas de Jekyll, ao mesmo tempo, compõem sua subjetividade e por ela são compostas, estando imbricadas nessa relação através das formações discursivas e das condições históricas a que este sujeito está subordinado.

Nos trechos apresentados, destaca-se, ainda, uma relação entre saber e poder, evidenciada pela oposição “ciência” e “não ciência” (tratada como excentricidade, um “palavrório nada científico” e, portanto, sem valor, a ponto de ofender sua amizade, posta em oposição à amizade de “Damon e Pítias”). Essa relação é explicitada por Foucault (1987) ao afirmar que:

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento (FOUCAULT, 1987, p.31).

Na mesma perspectiva, podemos verificar, em (d), como essa relação de poder é instituída a partir dos saberes produzidos. O médico que não recorre exclusivamente ao discurso científico para se constituir subjetivamente é diminuído, visto como alguém que perdeu a “sanidade mental”, sendo restringido “a um lugar de desvalorização e desautorização para falar sobre si” (AMARANTE, 1998, p.52). Assim, ainda que Dr. Lanyon exerça poder sobre Dr. Jekyll, cujo discurso deve ser desconsiderado por pertencer a alguém que não possui boas faculdades mentais, ele se condói pelo colega de profissão, ato que se verifica ao se referir a ele como “meu amigo”.

Como afirma Foucault (1987), o poder não existe, ele é exercido em dadas condições por certos indivíduos. Nesse ponto, não há como se definir categoricamente uma classe dominante e uma dominada, pois essas situações estão constantemente passando por processos de resignificação. Assim, explica o autor que:

Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas — efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não têm”; ele os investe, passa por eles e através deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança (FOUCAULT, 1987,p.30).

O que se verifica, a partir destas ponderações, é possível haver casos em que o poder dominante é exercido por sujeitos inesperados. Assim, ainda que casos confirmem uma relação mais prevista, como a estabelecida entre Dr. Lanyon e Dr. Jekyll em questão de cientificidade de seus discursos e de sua sanidade mental, essa relação pode ser invertida, vide o compadecimento de Dr. Lanyon por Dr. Jekyll (teria a personagem a mesma condolência com a criatura desumanizada Mr. Hyde?) ou a de Hyde/Jekyll sobre Lanyon, a ser apresentada a seguir.

Em (e), “E agora, você, que negou a virtude da medicina transcendental, você, que zombou de seus superiores... veja! ” (STEVENSON, [1886] 2014, p.61)”, testemunhamos a cena em que Mr. Hyde adquire a poção para poder se transformar de volta em Dr. Jekyll, o que se dá a partir de um plano envolvendo a ajuda de Dr. Lanyon. Ao realizar a transformação corporal, apresentou-se uma inversão do regime de verdade: se antes Dr. Lanyon julgava Dr. Jekyll como o que carecia de razão e de sanidade, o último passa a ser visto como o que enxerga além do esperado. Este encadeamento é representado pela oposição estabelecida entre “você” (discurso médico tradicional) e “medicina transcendental”/”seus superiores”.

Novamente, a relação instituída corresponde ao estabelecido pela teoria foucaultiana. Na “História da Loucura” (1978), Foucault propõe uma reflexão sobre a estrutura global da loucura, tratando de como se deu sua constituição histórica e a intervenção psiquiátrica. Como bem apresenta o autor, até meados do século XVII, a “loucura” era valorada positivamente na sociedade, sendo interpretada e exaltada como uma marca do divino, sendo os “loucos” considerados portadores de uma verdade à qual nem todos conseguem acessar. Dr. Jekyll, em sua loucura, estaria nesta fase, posto que, por mais que cause espanto com suas descobertas, possui um saber que o coloca em um nível elevado do que o de Dr. Lanyon.

O que se sucede na história da humanidade, todavia, é o ressurgimento da condenação e os processos de exclusão da loucura, que passa a ser interpretada como

uma ameaça à razão. Assim, em vista de garantir a liberdade dos sãos, dissemina-se a ideia de que esta deve ser retirada dos que a colocam em perigo. Foram criadas, em seguida, casas de internação, cujo intuito, além de proteger a sociedade dos “doentes”, também era o de puni-los, de modo a manter o equilíbrio social e perpetuar as relações de poder estabelecidas. Hyde, por sua vez, se encontra nessa ótica de compreensão da loucura, posto que não é compreendido pelos sãos, mas apenas condenado e ocultado.

A loucura passou a ser compreendida, diante do exposto, como relacionada à ausência de liberdade, e, como comentam Millani e Valente (2008), “o ato de trancafiar os loucos repressivamente apenas fazia aumentar sua loucura” (MILLANI; VALENTE, 2008, p.9). Talvez por esta razão tenha ocorrido a necessidade de libertação e a posterior sobreposição de Hyde sobre Jekyll.

Outro aspecto que promove uma proximidade entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde é a representação de suas casas, cujas características refletem os aspectos da constituição subjetiva das personagens a que se referem. Observemos, a esse respeito, as passagens a seguir:

- f) “[Mr. Enfield, referindo-se à primeira casa de Hyde]: Mal parece uma casa. Não há outra porta, e ninguém entra por aquela que vimos, ou sai dela, exceto aquele cavalheiro de minha aventura, e muito esporadicamente. Há três janelas dando para o beco no primeiro andar; nenhuma no térreo. As janelas estão sempre fechadas, mas limpas. (...). As casas são tão amontoadas naquele lugar que é difícil dizer onde termina uma e começa outra” (STEVENSON, [1886] 2014, p.9-10).
- g) “[Descrição da casa de Jekyll, sob a perspectiva de Mr. Enfield]: Aquele vestíbulo, em que agora fora deixado sozinho, era um capricho de seu amigo, o médico; o próprio Utterson estava habituado a se referir a ele como a sala mais agradável de Londres” (ibid., p.19).
- h) “[Sobre a outra casa de Hyde] O lúgubre bairro do Soho, visto sob aqueles lampejos cambiantes, com suas ruas enlameadas e transeuntes desmazelados, com seus lampiões, (...), parecia, aos olhos do advogado, o distrito de alguma cidade num pesadelo. (...). Em toda a extensão da casa, que, à exceção da velha senhora, estava vazia, Mr. Hyde só ocupara uns dois aposentos, que estavam mobiliados com suntuosidade e bom gosto” (ibid., p.27-28).

No decorrer da obra, são atribuídos dois lares à pessoa de Hyde. O primeiro deles, apresentada em (f), refere-se, na realidade, à parte traseira da casa de Jekyll, ambiente em que se situa seu laboratório ou, como também referida, a “antiga sala de dissecções”. Sua

DRIGHETTI, B

descrição, como se vê, é a de um lugar que “mal parece uma casa”, anormal, assim como seu locatário. No entanto, é uma extensão da casa de Jekyll, o que, analogamente, também se aplica à sua identidade: a princípio, não há como conceber a existência de Hyde sem sua outra personalidade.

A casa de Jekyll, aquele ambiente “mais agradável de Londres”, vide o excerto (g), apresenta, também, sua outra faceta, o laboratório onde ocorreu o nascimento (físico e discursivo) de Hyde. A oposição entre as descrições reforça, no entanto, as distinções anteriormente apresentadas entre as duas personalidades, como se fossem totalmente dessemelhantes. Na realidade, o que ocorre são, como se afirma em (f), “casas amontoadas”, sendo difícil distinguir onde se inicia uma e se encerra a outra; o mesmo é válido para suas constituições subjetivas, posto que se misturam, sendo impossível imaginar uma sem a outra ou compreender definitivamente quais características pertencem a uma ou a outra personagem.

No decorrer da narrativa, nos é apresentada a verdadeira “casa” de Hyde, um ambiente comprado em seu nome para que ele tenha um refúgio para quando se encontrar em atuação. Externamente, o bairro é aterrorizador, como se fosse “o distrito de alguma cidade num pesadelo”; por dentro, por outro lado, ela surpreende por possuir uma decoração elegante. Esta oposição nos sugere que, assim como Jekyll, Hyde também apresentava sua parcela da outra personalidade, reforçando a ideia da aglomeração de características das “casas amontoadas”.

Ainda assim, tanto (f) quanto (h) nos sugerem que as casas de Hyde, bem como seu corpo, são “menores” em comparação à casa de Jekyll; no primeiro caso, por ser apenas uma extensão da do médico; no segundo, por apresentar apenas alguns cômodos mobiliados. Dessa maneira, o que se sugere é que esta parte era, de fato, menos trabalhada, em detrimento da outra. Não obstante, o fato de Hyde apresentar sua própria casa, não sendo mais apenas uma mera extensão da de Jekyll, já nos indicia sua existência de forma independente e um encaminhamento para a morte discursiva do médico, situação a ser problematizada no tópico a seguir.

A morte discursiva de Dr. Jekyll

Como mencionado anteriormente, a estória é conduzida, em seu percurso, para o que consideramos uma morte discursiva de Dr. Jekyll, concretizada por uma sobreposição de Mr. Hyde em sua constituição subjetiva. Observa-se em inúmeras passagens como o discurso de Jekyll passa a ser interdito, de modo que vai perdendo seu poder e força.

DRIGHETTI, B

Essa interdição, no entanto, não ocorre repentinamente, mas de forma gradual, por meio de mudanças em como Jekyll compreende a realidade (ilustradas por suas atitudes, que serão descritas) e de sua relação com suas personalidades. Observemos algumas passagens que representam este direcionamento para a sua morte discursiva e para a determinação da figura de Hyde.

- i) “[Jekyll]: Pretendo, daqui em diante, levar uma vida de extrema reclusão; não deve ficar surpreso, tampouco deve duvidar de minha amizade, se mesmo para o senhor minha porta se encontrar fechada com frequência. Terá de aceitar que eu siga por meu próprio e sombrio caminho.” (STEVENSON, [1886] 2014, p.39).
- j) “[Carta de Jekyll]: Aquela parte de mim que eu tinha o poder de projetar havia sido bastante exercitada e alimentada ultimamente; parecia-me que recentemente o corpo de Edward Hyde crescera em estatura” (ibid., p.70).
- k) “[Carta de Jekyll]: Unir-me a Jekyll significava abrir mão daqueles apetites com os quais eu fora indulgente por tanto tempo, em segredo, e com os quais ultimamente começara a me deleitar. Unir-me a Hyde significava abrir mão de mil interesses e aspirações, e me tornar, num único instante e para sempre, desprezado e sem amigos” (ibid., p.71).
- l) “[Carta de Jekyll]: Tornei-me, em minha personalidade original, uma criatura enervada e esvaziada pela febre, lânguida e enfraquecida tanto no corpo quanto na alma, e obcecada por um único pensamento: o horror de meu outro eu” (ibid., p.76-77).
- m) “[Carta de Jekyll]: Não devo me demorar demais em concluir esta narrativa; pois, se estas páginas até aqui escaparam à destruição, foi devido a uma combinação de enorme prudência e muita sorte. Se os espasmos violentos da mudança me atingirem enquanto escrevo, Hyde fará minha narrativa em pedaços.” (ibid., p.78).

Os excertos apresentados nos mostram diferentes momentos deste encaminhamento de Dr. Jekyll à sua morte discursiva. O primeiro a que chamamos a atenção, excerto (i), nos mostra que o médico passou a se isolar socialmente. Embora isso não seja revelado no momento da narrativa, posteriormente descobre-se que a razão dessa ocorrência é por não ser mais capaz de controlar as transformações em Hyde. Pensando sobre sua constituição subjetiva, podemos compreender que as vivências a que estava acostumado, com os contatos com amigos e exercendo a função de médico, correm perigo caso Hyde entre em ação. Como forma de proteger a si mesmo e aos outros, ele prefere assumir a personalidade imparável e seguir seu “próprio e sombrio caminho”.

Da mesma maneira, o fato de o corpo de Hyde ter crescido em estatura ao longo da narrativa, vide o recorte (j), visto que inicialmente era pequeno por ser uma parte pouco alimentada de si, já nos indica que o lado sombrio de Jekyll estava desenvolvendo certa independência. Ainda assim, no entanto, as duas personalidades são colocadas em oposição neste discurso: “eu” x “aquela parte de mim”/“Edward Hyde”, indicando que, embora este lado ainda não tenha assumido a liderança completamente, ele se encaminha para isso, ganhando forças no decorrer da novela.

Essa situação é diferente da que é desenvolvida no excerto (k), em que surge um terceiro sujeito, que não é Jekyll, mas também não é Hyde, efeito criado pela separação ao se referir a ambas as suas personalidades na terceira pessoa do singular. Tanto Jekyll quanto Hyde são estranhos ao sujeito que (se) enuncia. Entretanto, este “terceiro sujeito”, ao falar sobre o que cada escolha representaria, passa a se representar, mais do que a quem se refere, sendo plural e multifacetado, com prazeres e aspirações, mas também desejos obscuros. Essa ideia vem de encontro à concepção de que Hyde e Jekyll seriam sujeitos unos e essencialmente o mau e o bom, respectivamente, passando a abarcar uma noção mais complexa em relação à subjetividade.

Na passagem (l), por sua vez, podemos observar uma fusão entre as personalidades de Jekyll e de Hyde, o que se dá pela dominação sofrida do horror de seu "outro eu" (o que sugere, também, uma sobreposição da personalidade Hyde sobre a de Jekyll). Ocorre uma contradição nesta fala, pelo fato de Jekyll e Hyde serem apresentados ora como seres diferentes e com desejos próprios, ora como duas partes de um mesmo sujeito. Esta conjuntura reflete exatamente o conflito em questão da constituição subjetiva em que se insere o sujeito em questão: existe um "outro", o qual também é "eu". Essa contradição se acentua mais ainda pelo fato de haver a consideração de Jekyll como sua "personalidade original", haja vista que, em outros momentos da narrativa, a personagem afirmou que era ambas as personalidades igualmente, como em “Meus dois lados eram bastante sinceros; eu não era mais eu mesmo quando deixava de lado as restrições e mergulhava na vergonha do que quando trabalhava, à luz do sol, no aumento dos conhecimentos sobre o alívio do pesar e do sofrimento” (STEVENSON, [1886] 2014, p.63).

A dominação de Hyde sobre Jekyll é tamanha que o excerto (m) nos sugere que Hyde estava ocupando quase toda sua constituição subjetiva, sendo necessário grande esforço para resistir a ele. No entanto, ao se referir à personagem utilizando a terceira pessoa, percebe-se que Jekyll ainda existe, não tendo sido dominado por Hyde em sua totalidade, porém encaminhando-se para sua morte discursiva. A morte discursiva de Jekyll

DRIGHETTI, B

era tão certa que a própria personagem, tendo consciência deste movimento que estava acontecendo, prefere recorrer ao suicídio. A morte física é, nesse sentido, o que permite Jekyll evitar sua morte discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo desenvolvido apresenta uma análise que permitiu apreender como os sujeitos, atualmente, por apresentarem sua constituição a partir da exterioridade e dos discursos que circulam, percorrem movências e deslocamentos, muitas vezes incômodos, mas que proporcionam alterações nas formas com que sua constituição subjetiva é concebida.

Foram postas em observação as maneiras como se davam a concepção de Dr. Jekyll e de Mr. Hyde, personagens centrais da obra “O Médico e o Monstro”, de Robert Louis Stevenson, sendo perpassados por discursos e neles se inscrevendo. O que as análises nos revelaram foi que se inicialmente a distinção entre as personagens é clara, cada uma apresentando características bem determinadas e uma relativa “homogeneidade” (as aspas se justificam por termos consciência de que, apesar da pretensão, não há como pensar em homogeneidade quando se trata de subjetividade; o que há, no entanto, é uma tendência para certas características afins) em sua constituição discursiva. No decorrer da obra, contudo, essa “homogeneidade” vai sendo desfeita, havendo uma sobreposição da personalidade Hyde sobre Jekyll, com o encaminhamento para a morte discursiva da segunda.

Assim, podemos dizer que a pesquisa apontou para dois tipos de anormalidades: a de Jekyll, um sujeito que a apresenta parcialmente, atravessado pela loucura, que a oculta, mas que, ao deixá-la flagrar em seus atos, a justificada, analogamente ao que Foucault (2001a) considera o “indivíduo a ser corrigido”; e a de Hyde, sujeito reconhecido e representado exclusivamente por sua loucura e que embora seja, a princípio, um homem comum, é tratado como um “monstro humano” (FOUCAULT, 2001a).

Observamos, nesse sentido, em que medida as relações exteriores aos sujeitos desenvolvem suas composições subjetivas e por elas são desenvolvidas. Não foi almejado, no entanto, esgotar as possibilidades de significações dos enunciados analisados, posto que, em se tratando de linguagem, temos consciência de que se trata de uma tarefa utópica. O que se pretendeu, ainda assim, foi interrogar os discursos elencados, procurando aclarar possíveis relações articuladas em questão da constituição das subjetividades das

DRIGHETTI, B

personagens em questão, que se revelaram complexas, multifacetadas e, em dados momentos, mescladas.

Dessarte, dentre as exterioridades que se materializam na linguagem, no caso em questão, puderam ser vislumbradas relações de poder, atreladas a: questões de ordem social, como a profissão exercida pelas personagens e sua classe social; reproduções de discursos difamatórios, os quais levaram, na situação analisada, ao surgimento de um efeito de monstruosidade em relação a Hyde; relação que as personagens exercem com a disciplina, visto que Jekyll se submete a ela, enquanto Hyde a subverte.

Essas relações de poder, não obstante, não são estáticas, sendo invertidas no momento em que emergem saberes que se sobrepõem sobre discursos valorados socialmente, como o científico, de modo que o “louco” da estória passa ser o que enxerga além. É também nessa medida que a leitura da obra é, como outrora dito, incômoda e inquietante, por trazer sujeitos e relações sociais em sua complexidade, sofrendo deslocamentos e definidos em meio a essas inconstâncias.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Paulo. Revisitando os paradigmas do saber psiquiátrico: Tecendo o percurso do movimento da Reforma Psiquiátrica. In: AMARANTE, Paulo (Org.). **Loucos pela Vida: A trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998. p. 21-55
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva S.A. 1978. Tradução de José Teixeira Coelho Netto.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. Tradução de Raquel Ramallete.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes. 2001a. Tradução de Eduardo Brandão.
- FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.
- MILLANI, Helena de Fátima Bernardes; VALENTE, Maria Luísa L. de Castro. O caminho da loucura e a transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v.4, n.2, ago. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 jul. 2019.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. Tradução de Eni Orlandi et. al.

DRIGHETTI, B

STEVENSON, Robert Louis. (1886) **O Médico e o monstro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. Tradução de Adriana Lisboa.

Como citar este artigo (ABNT)

DRIGHETTI, B. A constituição dos sujeitos e a fragmentação de si em “O Médico e o Monstro”, de Robert Louis Stevenson. SELL, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

DRIGHETTI, B. (2019). A constituição dos sujeitos e a fragmentação de si em “O Médico e o Monstro”, de Robert Louis Stevenson. SELL, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.